



REVISTA ESTUDOS AFRO-BRASILEIROS

Candomblé de caboclo em São Paulo¹

Dr. Reginaldo Prandi²,

Dr. Armando Vallado³ e Dr. André Ricardo de Souza⁴

1. Trata-se de capítulo da obra *Encantaria brasileira*, de Reginaldo Prandi (organizador). Editora Pallas, 2001.

2. Reginaldo Prandi é professor emérito da Universidade de São Paulo (USP), professor titular sênior do Departamento de Sociologia da mesma universidade, pesquisador 1-A do CNPq e membro do grupo de pesquisa “Diversidade religiosa na sociedade secularizada” do CNPq.

3. Possui graduação em Comunicações e Turismo pela Faculdade Anhembí Morumbi (1978), mestrado em Sociologia pela Universidade de São Paulo (1999) e doutorado em Sociologia pela Universidade de São Paulo (2004). Atualmente é Docente pesquisador da Brasília Arte e Dança, atuando principalmente nos seguintes temas: poder e conflito, candomblé, hierarquia, sucessão, mitos e tabus.

4. Graduado em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo (1998), mestre e doutor em Sociologia também pela USP (2001 e 2006), tendo concluído pós-doutorado na PUC-SP com apoio da FAPESP (2010). É professor associado do Departamento de Sociologia da Universidade Federal de São Carlos, onde coordena o Núcleo de Estudos de Religião, Economia e Política (NEREP). Atua na área de Sociologia da Religião, pesquisando também iniciativas econômicas com inspiração autogestionária. Compõe o Núcleo Multidisciplinar e Integrado de Economia Solidária (NuMI-EcoSol/UFSCar) e a diretoria da Associação Brasileira de Pesquisadores de Economia Solidária (ABPES).

Dr. Reginaldo Prandi, Dr. Armando Vallado e Dr. André Ricardo de Souza

“Ainda tem caboclo debaixo da samambaia”

O caboclo é a entidade espiritual presente em todas as religiões afro-brasileiras, sejam elas organizadas em torno de orixás, voduns ou inquices. Pode não estar presente num ou noutro terreiro dedicado aos deuses africanos, mas isto é exceção. Seu culto perpassa as modalidades tradicionais afro-brasileiras — candomblé, xangô, catimbó, tambor de mina, batuque e outras menos conhecidas —, constitui o cerne de um culto praticamente autônomo, o candomblé de caboclo, e define estruturalmente a forma mais recente e mais propagada de religião afro-brasileira, a umbanda.⁵

A origem dos candomblés de caboclo estaria no ritual de antigos negros de origem banto, que na África distante cultuavam os inquices — divindades africanas presas à terra, cuja mobilidade geográfica não faz sentido — e que no Brasil viram-se força-

5. Os autores agradecem à Mãe Manodê, do Terreiro de Candomblé Santa Bárbara, Pai Doda Braga, do Ilê Axé Ossaim Darê, e Pai Tauá, do candomblé Inzo N’kisi Mussambu, por sua preciosa colaboração na pesquisa. O presente trabalho faz parte do projeto de pesquisa “Os afro-brasileiros”, patrocinado pelo CNPq.

Candomblé de caboclo em São Paulo

dos a encontrar um outro antepassado para substituir o inquice que não os acompanhou à nova terra. Neste novo e distante país, que antepassado cultuar senão o índio, o caboclo, como diziam os antigos nordestinos? Os antigos habitantes, quem senão o verdadeiro e original “dono da terra”? (Santos, 1995).

Apesar de preponderantemente identificados como índios, há caboclos de diferentes origens míticas, como boia-deiros, turcos e marinheiros ou marujos. Caracterizam-se, em geral, pela comunicação verbal e proximidade de contato com o público que frequenta os terreiros. Eles brincam, entoam cantigas e tiram as pessoas para dançar ao som de seu alegre samba. Além da animação, outra característica marcante é seu poder de cura e a disposição para ajudar os necessitados, mais a sabedoria. Acredita-se que os caboclos conhecem profundamente os segredos das matas, podendo assim receitar com eficácia folhas para remédios e banhos medicinais. No imaginário popular, o caboclo é a um só tempo valente, destemido, brincalhão e altruísta, capaz de nos ajudar para o alívio das aflições cotidianas. As pessoas que frequentam os cultos afro-brasileiros, sobretudo as mais pobres, encontram nesta entidade um sábio curandeiro, sempre pronto a vir em socorro dos aflitos.

REVISTA ESTUDOS
AFRO - BRASILEIROS

Dr. Reginaldo Prandi, Dr. Armando Vallado e Dr. André Ricardo de Souza

O termo *candomblé de caboclo* teria surgido na Bahia, entre o povo de santo ligado ao candomblé de nação *queto*, originalmente pouco afeito ao culto de caboclo, justamente para marcar sua distinção em relação aos terreiros de caboclos. Nos anos 30, de acordo com relato da antropóloga americana Ruth Landes, que esteve na Bahia num período entre 1938 e 1939, usavam-se as expressões mãe cabocla, seita cabocla, candomblé de caboclo em oposição aos termos dos candomblés africanos. De uma visita que fez ao terreiro de Mãe Sabina, famosa sacerdotisa cabocla, Ruth Landes registrou um diálogo significativo entre esta mãe de santo e outras mulheres do templo, diálogo do qual vale a pena relembrar este trecho:

Uma das mulheres, referindo-se à americana, pergunta à Mãe Sabina:

“Ela sabe qual é a nossa seita? Sabe que somos caboclos e os outros são africanos?”

Ao que responde Sabina:

A senhora deve saber essas coisas. Este templo é protegido por Jesus e Oxalá e pertence ao Bom Jesus da Lapa. É uma casa de espíritos

Candomblé de caboclo em São Paulo

caboclos, os antigos índios brasileiros, e não vem dos africanos iorubás ou do Congo. Os antigos índios da mata mandam os espíritos deles nos guiar, e alguns são espíritos de índios mortos há centenas de anos. Louvamos primeiro os deuses iorubás nas nossas festas porque não podemos deixá-los de lado; mas depois salvamos os caboclos porque foram os primeiros donos da terra em que vivemos. Foram os donos e portanto são agora nossos guias, vagando no ar e na terra. Eles nos protegem. (LANDES, 1967, p. 196).

Hoje, na diferenciação com outras nações de candomblé, como queto, jeje, ijexá, efã, angola e congo, fala-se numa nação caboclo⁶, mas raramente pode-se encontrar um candomblé de caboclo funcionando independentemente de um candomblé das outras nações. Embora muito associado ao candomblé angola, o rito caboclo já começava, à época da visita de Landes à Bahia, a ser incorporado também a candomblés de nação queto.

Na disputa por legitimidade e prestígio, os candomblés de caboclos foram considerados inferiores tanto pelo povo-

6. Ver *Encontro de nações de candomblé*, 1984, e *II Encontro de nações de candomblé*, 1997.

Dr. Reginaldo Prandi, Dr. Armando Vallado e Dr. André Ricardo de Souza

de-santo como pelos pesquisadores, que deles escreveram muito pouco. O primeiro trabalho científico tratando com profundidade do candomblé de caboclo somente apareceu em 1995, com a publicação do livro *O dono da terra*, tese de mestrado defendida na USP pelo antropólogo baiano Jocélio Teles dos Santos. A dissimulação e mesmo a negação do culto aos caboclos nos terreiros marcados pela ortodoxia nagô, entretanto, mantém-se até hoje, sendo comum a acusação de que em tal ou qual terreiro queto que não tem caboclo, a mãe de santo ou outra pessoa de prestígio recebe seu caboclo escondido ou, no mínimo, lhe oferece sacrifícios na mata. Apesar de considerado inferior, o candomblé de caboclo impregnou-se nas demais nações e por meio delas propagou-se pelo País. De seu encontro com o espiritismo kardecista, que resultou num grande embate ético, nasceu, no Rio de Janeiro dos anos 30, a umbanda, com o desenvolvimento de ritos, ritmos e panteão particulares. O velho candomblé de caboclo continuou, contudo, com vida própria e, num outro movimento, chegou de novo ao Rio de Janeiro e São Paulo, sempre associado ao candomblé de orixá e inquice, mas separado da umbanda. E como tal se mantém e se reproduz.

Candomblé de caboclo em São Paulo

No candomblé de caboclo há predominância de muitos elementos do candomblé angola, os atabaques são tocados com as mãos, as músicas são cantadas em português, com uso frequente de termos rituais de origem banto. O apelo a uma cultura indígena, quase sempre idealizada, proporciona ao candomblé de caboclo uma valorização de elementos nacionais, fazendo dele, na concepção popular, uma religião “brasileira por excelência”. Elementos simbólicos nacionais são ressaltados, como a menção às matas, as cores verde e amarelo, o sincretismo católico e a miscigenação racial. Em todo seu repertório musical fala-se muito desse amálgama cultural que é o Brasil. Esta matriz cabocla foi inteiramente absorvida pela umbanda, que na forma é um candomblé de caboclo, mas que contém uma elaboração ética da vida que separa o bem do mal nos moldes kardecistas, completamente ausente na tradição cabocla e que fez da umbanda uma religião diferente e autônoma.

Hoje o candomblé não é mais uma religião étnica circunscrita à população negra, pois já se espalhou pela sociedade branca abrangente, rompendo preconceitos e fronteiras geográficas, inclusive para fora do País. Legitimou-se como mais uma opção religiosa e vem aos poucos garantindo seu

Dr. Reginaldo Prandi, Dr. Armando Vallado e Dr. André Ricardo de Souza

espaço no disputado mercado religioso contemporâneo. A propagação desta religiosidade na populosa Região Sudeste, a partir dos anos 1960, deu-se principalmente a partir dos terreiros umbandistas que aí existiam desde os anos 1930 e 40. Numerosos filhos de santo da umbanda aderiram ao axé da tradição negro-baiana, cuja força vital era por eles considerada mais forte. A busca mágico-religiosa da satisfação de anseios do metropolitano moderno tornou o candomblé uma religião universalizada, isto é, aberta a todos. É eloquente o caso da fixação do candomblé em São Paulo (PRANDI, 1991). Com o orixá, o inquice e o vodum do candomblé veio o caboclo do candomblé, que é ritualmente e doutrinariamente diferente do caboclo da umbanda.

No contexto da transformação religiosa que trouxe o candomblé do Nordeste para o Sudeste, que ainda se encontra em curso, os caboclos certamente têm sido protagonistas decisivos, afinal seu culto foi mantido e está presente hoje em quase todos os terreiros de candomblé, sejam eles de rito angola, queto ou efã.

Caboclo em terreiro de candomblé

O candomblé de caboclo atualmente é praticado paralelamente ao culto de divindades africanas, estando associado aos terreiros de inquices, orixás e voduns⁷. Tudo se passa como se houvesse duas atividades religiosas independentes, podendo mesmo se observar separação dos espaços físicos, não se misturando caboclo com orixá. Mas o pai ou mãe de santo é obviamente a mesma pessoa, assim como os ogãs alabês, os tocadores de atabaque, e outros sacerdotes. Enquanto o candomblé dos deuses exige um complexo e demorado processo de iniciação, no candomblé de caboclo não há propriamente algo correspondente à “feitura de santo”. Noviços passam a frequentar os toques, podendo receber o encantado sem nenhuma preparação preliminar baseada em longo período de clausura. Num mesmo terreiro, há filhos “feitos”, iniciados, para orixás-inqui-

7. Independente da umbanda, além do candomblé de caboclo originário da Bahia, vem propagando-se em São Paulo uma outra modalidade de culto aos caboclos segundo a tradição dos terreiros de nações mina-jeje e mina-nagô do Maranhão (FERRETTI, 1993). Não trataremos dessa modalidade no presente texto, referida em Prandi (1999).

Dr. Reginaldo Prandi, Dr. Armando Vallado e Dr. André Ricardo de Souza

ces que também recebem seus caboclos, mas é possível observar número expressivo de filhos que recebem caboclo e participam ativamente do candomblé de caboclo, mas que nunca são iniciados para a divindade africana, comportando-se ritualmente nos toques de orixás como simples abiás, iniciantes. Também não participam das cerimônias sacrificiais aos orixás, reservadas aos filhos de orixá “feitos”. Em muitos terreiros, contudo, primeiro observa-se a iniciação do filho de santo para o orixá, ocorrendo depois, geralmente na obrigação de um ano, a “chamada” do caboclo, que então incorpora no novo filho, podendo ser batizado ou não em cerimônia descrita mais adiante.

Diferente da umbanda, o caboclo do candomblé recebe sacrifício, sendo suas festas públicas precedidas de cerimônias de matança, com ofertas de aves, cabritos e bois. Em muitos terreiros, a oferta de bois e novilhos é uma demonstração do poder sagrado do caboclo e de seu prestígio junto aos filhos de santo. Suas festas podem ser muito mais fartas e concorridas que as reservadas aos orixás. O caboclo de candomblé, como os orixás, também pode ter assentamento, isto é, uma representação de base material, com instrumentos de ferros e outras insígnias fixadas numa vasilha, em geral um alguidar, junto ao qual se depositam as oferendas: seu altar. Também

Candomblé de caboclo em São Paulo

pode ter seu quarto de santo, geralmente uma cabana ou um espaço aberto ou semiaberto localizado no quintal do terreiro, área que o caboclo compartilha com orixás e inquices identificados com o mato e os espaços abertos, como Ogum ou Incôci, Oxóssi ou Gomgobira, Ossaim ou Catendê.

Os caboclos são espíritos dos antigos índios que povoavam o território brasileiro, os antigos caboclos, eleitos pelos escravos bantos como os verdadeiros ancestrais em terras nativas. São espíritos, não deuses. São eguns, na linguagem do candomblé nagô. Ao caboclo índio também se designa “caboclo de pena”, referência aos penachos e cocares que usa quando em transe para marcar sua origem indígena. Mas há também caboclos de outras procedências: os caboclos boiadeiros, que teriam um dia vivido no sertão na lida do gado e que usam o chapéu característico de sua antiga ocupação; os marujos ou marinheiros, sempre cambaleantes por causa do “tombo do mar” que marca a vida nos navios. Alguns caboclos são originários de lugares imaginários, como a Vizala ou a Hungria.

No candomblé, os caboclos, que também podem ser do sexo feminino, são considerados filhos dos orixás e os próprios caboclos incorporados a eles assim se referem, quando dizem que foi o pai ou a mãe que os mandou vir à terra para a celebração

REVISTA ESTUDOS
AFRO - BRASILEIROS

Dr. Reginaldo Prandi, Dr. Armando Vallado e Dr. André Ricardo de Souza

do toque, ou quando vão embora e dizem que foi o pai ou a mãe que chamou. Estabelece-se assim uma correspondência entre a paternidade do caboclo e do filho de santo, de sorte que filhos de Oxum têm caboclos de Oxum, filhos de Xangô têm caboclos de Xangô e assim por diante. Vejamos uma lista de caboclos e caboclas com os respectivos orixás, notando como os nomes dos caboclos tendem a fazer referência a atributos do orixá:

Ogum — Caboclo do Sol, Pena Azul, Giramundo, Serra Azul, Serra Negra, Sete Laços, Trilheiro de Vizala, Sete Léguas, Rompe Mato, Laço de Prata;

Oxóssi — Mata Virgem, Pena Verde, Jurema, Arranca-Toco, Sete Flechas, Sete Folhas, Urubatam;

Ossaim — Junco Verde, Boiadeiro das Matas, Floresta, Guarani; Omolu — Girassol, Xapangueiro, Cambaí e caboclo Tupinambá; Naná — Treme Terra, a cabocla Camaceti, Rei da Hungria; Oxumaré — Cobra Coral, Cobra Dourada;

Xangô — Mata Sagrada, Boiadeiro Zamparrilha, Boiadeiro Trovador, Boiadeiro Corisco, Sete Pedreiras;

Iansá — Ventania, Vento, Jupira, Zebu Preto, dos Raios; Obá — Pena Vermelha;

Oxum- Lua Nova, Lua, Jandaia, Cabocla Menina, Estrela Dourada, Sultão das Matas;

Candomblé de caboclo em São Paulo

Logun-Edé — Laje Grande, Laje Forte, Bugari;

Iemanjá — Sete Ondas, Indaiá, Juremeira, Estrela, Sete Estrelas, Iara;

Oxalá — Pedra Branca, Pena Branca, Lua Branca, Águia Branca.

Caboclos e orixás são tratados nos candomblés como entidades de naturezas diferentes. Além das distinções de caráter meramente formal, há aspectos que os distinguem e que são importantes na relação que se estabelece entre cada um deles e seus devotos.

Todo filho de santo deve ser iniciado para um determinado orixá (ou inquice, ou vodum), que é considerado seu antepassado, seu pai ou mãe, sua fonte de vida. A iniciação implica recolhimento e ritos complexos que envolvem somas de dinheiro elevadas, nem sempre compatíveis com a extração social dos adeptos das religiões afro-brasileiras, em geral, pobres. O culto do caboclo não requer processo iniciático deste tipo, podendo ocorrer em algumas casas o batismo do caboclo, um ritual de confirmação bem mais simples que a “feitura”.

Enquanto os deuses africanos vêm aos terreiros para dançar e falam apenas com algumas pessoas com cargos sa-

REVISTA ESTUDOS AFRO - BRASILEIROS

Dr. Reginaldo Prandi, Dr. Armando Vallado e Dr. André Ricardo de Souza

cerdotais, os caboclos dirigem-se diretamente a todos que os procuram nos toques ou nas festas. Conversar é sua característica marcante. Todo caboclo é falante. Pode ser simpático ou carrancudo, amigável ou arredio, irreverente ou reservado, mas é sempre falador. Para se conhecer a vontade dos orixás é preciso recorrer ao jogo de búzios, que somente a mãe ou pai de santo pode jogar. Parecem um tanto distantes, portanto. Já os caboclos dizem o que sentem sem nenhuma mediação. A relação com o cliente é direta, face a face.

A língua é outro fator importante nesta distinção, pois grande parte das pessoas que vão aos terreiros não compreende as línguas rituais derivadas do iorubá, fom ou quicongo e quimbundo em que se cantam as cantigas. Nem mesmo a maioria dos filhos de santo sabe o que está cantando, pois as línguas rituais hoje são intraduzíveis. Aos caboclos, pelo contrário, canta-se em português. Suas cantigas são simples e sugestivas, com expressões e termos conhecidos do catolicismo tradicional e do imaginário popular. Um culto assim é menos *afro* e mais *brasileiro*, ou seja, mais “nosso” para muita gente.

Em alguns terreiros, os caboclos são concebidos como “mensageiros” dos orixás. Segundo alguns pais de santo, eles são transmissores das vontades divinas, afinal “eles falam o que

Candomblé de caboclo em São Paulo

os orixás não podem falar”. Mãe Manodê, 78 anos, chefe do terreiro angola que foi o primeiro a se estabelecer em São Paulo como terreiro de candomblé, nos anos 1960, diz:

“O caboclo é mensageiro dos orixás. Ele tem que fazer o que os orixás mandam: consulta, ebó da prosperidade, ebó da bênção... É o orixá que determina, aí então o caboclo pega o filho de santo para fazer ebó”.

Mãe Manodê, reforçando a ideia da subordinação deles aos orixás, afirma a importância dos caboclos como mediadores na relação dos clientes com os orixás, dizendo que afinal “eles sabem dar palestras”, isto é, conversar com desenvoltura com fiéis e clientes, coisa que orixá não faz. Esta antiga mãe de santo baiana reivindica ainda para o candomblé angola a exclusividade da devoção aos caboclos: “O candomblé queto não cultua caboclo. O que existe hoje é invenção dessa gente. Caboclo sempre foi de angola, sempre, desde a Bahia. Depois o queto copiou.”

Hoje em São Paulo, como no Rio de Janeiro e outros estados, dificilmente o caboclo pode ser usado como divisor de águas entre as nações de candomblé de origem banto e iorubá ou nagô, embora todos reconheçam que sua origem está inscrita nos antigos terreiros de candomblé angola e congo da

Dr. Reginaldo Prandi, Dr. Armando Vallado e Dr. André Ricardo de Souza

Bahia, cujas expressões maiores são os terreiros do Bate Folha e o Tumba Junçara, ambos em Salvador, ambos centenários. O caboclo está presente nos candomblés de todas as nações. Não é cultuado em apenas uns poucos terreiros africanizados, embora haja terreiros africanizados com culto de caboclo. Mesmo terreiros tributários dos mais antigos terreiros queto da Bahia cultuam caboclo, ainda que o culto se resuma a uma única festa anual. O caboclo Jundiara, da mãe de santo de uma das tradicionais quatro casas baianas fundadoras do candomblé queto, recebe festas e homenagens tão expressivas quanto as que o babalorixá Doda Braga, do Ilê Axé Ossaim Darê, em São Paulo, promove para seu caboclo Junco Verde.

Batismo de caboclo

Os ritos do candomblé de caboclo são bastante simples quando comparados com as cerimônias devidas a orixás e demais divindades africanas. Na medida em que o caboclo vai sendo incorporado ao cotidiano dos candomblés de orixá-inquice, algumas cerimônias tendem a ganhar complexidade, às vezes nos moldes destes cultos. O rito relatado a seguir,

Candomblé de caboclo em São Paulo

observado em terreiro paulista de candomblé angola-queto, é bastante emblemático.

À época esse terreiro realizava sessões semanais de consultas com caboclos, em que um público de baixa renda, na maior parte, acorria em busca de soluções para toda sorte de problemas.

Nesse terreiro, após ser realizada a obrigação de um ano de iniciação para o orixá do filho de santo, é marcada a data em que o caboclo é chamado a possuir o iaô, tornando-se o caboclo mais uma das entidades de culto particular do filho de santo, que além do orixá principal, o dono de sua cabeça, deve obrigações ao juntó, o segundo orixá, e ao exu mensageiro do orixá principal, ambos também assentados na obrigação de um ano.

Previamente a mãe de santo solicitou ao filho de santo os seguintes itens necessários ao ritual: um alguidar grande, uma quartinha de barro sem asas, um litro de azeite de dendê, um litro de vinho doce, um litro de mel, um quilo de sal, cebola, noz-moscada, canela, cravo, gengibre, uma pomba branca, velas brancas e coloridas, além de outros itens secundários. Consultando o oráculo do jogo de búzios, a mãe de santo fez ver a vontade do caboclo, que solicitou como oferenda três galos, duas galinhas e um casal de codornas. Segundo a mãe

Dr. Reginaldo Prandi, Dr. Armando Vallado e Dr. André Ricardo de Souza

de santo, também Exu respondeu no oráculo, indicando sua vontade de receber um galo em sacrifício.

Nesse terreiro, o caboclo é assentado após o conhecimento do seu ponto riscado, espécie de desenho que o mesmo faz no chão com pomba branca, a partir do qual uma ferramenta é confeccionada em ferro. Este símbolo, acompanhado de búzios, moedas e folhas frescas é fixado num alguidar com cimento, preparado com areia numa mistura com o amaci do caboclo (ervas maceradas em água). No caso aqui relatado, somente dali a algum tempo o assentamento definitivo seria feito, pois antes da cerimônia o caboclo ainda não se fizera conhecer.

Na noite anterior ao dia marcado, o filho de santo dirigiu-se ao terreiro levando consigo todo o material necessário. Na manhã seguinte, acompanhado de outros dois filhos de santo, dirigiu-se a uma mata próxima ao terreiro onde colheu folhas de aroeira, cipó-caboclo, goiabeira, mangueira, guiné, comigoninguém-pode, fumo, eucalipto, são-gonçalinho, além de aruda e tapete-de-Oxalá, que eram cultivados no próprio terreiro. As folhas seriam maceradas e serviriam para lavar o alguidar e a quartinha de barro do caboclo. É interessante observar que o filho de santo não se banhou com essas ervas, banhando-se

Candomblé de caboclo em São Paulo

com o abô (infusão de ervas que permanece num pote e que temporariamente é renovada) pertencente ao rito dos orixás.

A mãe de santo, acompanhada apenas do axogum (sacerdote do candomblé de orixá responsável pelo sacrifício dos animais), dirigiu-se ao quarto de Exu onde realizou o sacrifício do galo. Os dois entoaram alguns cantos e saudaram Exu, trazendo no final do ritual um alguidar de farofa amarela (farinha de mandioca com azeite de dendê), da qual sete punhados foram jogados na rua.

Enquanto o animal de Exu era limpo na cozinha do santo, a mãe-pequena da casa incensou todo o terreiro, entoando as seguintes cantigas:

Incensa, incensado a casa do meu avô
Incensa, incensado em nome do Senhor
Estou orando, estou incensando (bis)
A casa do Bom Jesus da Lapa (bis)
Nossa Senhora incensou seus bentos filhos
Incensou para cheirar
Eu também vou incensar a minha casa
Para sorte e a felicidade entrar

REVISTA ESTUDOS
AFRO - BRASILEIROS

Dr. Reginaldo Prandi, Dr. Armando Vallado e Dr. André Ricardo de Souza

Com todos os membros do terreiro reunidos no barracão (como é conhecido o salão de danças do terreiro), a mãe de santo deu início ao ritual propriamente dito. Os ingredientes anteriormente citados estavam colocados sobre uma esteira em que também estava sentado o filho de santo.

A mãe de santo entoou algumas rezas que são chamadas *Angoroci*, saudando e pedindo licença a todos os orixás para cumprir o ritual em louvor do caboclo. Tomou um adjá (campainha ritual) e começou a chamar, através de toadas, os caboclos conhecidos no terreiro:

Angoroci daraa auê (bis)

Angoroci mene meme

Tateto Sultão das Matas, oi si!

Assim sucessivamente saudou os caboclos Pena Branca, Juremeira, Laje Grande, Pena Dourada. Logo depois, aproximando-se do filho de santo, soando o adjá. Acompanhando a mãe de santo, todos os presentes gritavam:

Xeto marrumbaxeto

Xeto na Vizala

Xeto ál!

Candomblé de caboclo em São Paulo

Os gritos repetiram-se muitas vezes até que, num dado momento, o corpo do filho de santo começou a tremular. Seus gestos davam a impressão de estar passando por uma convulsão, sendo amparado por uma equede (espécie de aia do orixá) e pela mãe-pequena. Em seguida, todos ouviram um grito estridente, como se fora o de um pássaro. Era o caboclo que havia possuído em transe o filho de santo ali sentado. Era seu sinal.

Todos os presentes saudaram o caboclo que acabara de chegar com gritos de Xeto *marrumbaxeto*, a saudação aos caboclos, e muitas palmas. O caboclo em transe parecia muito esquivo. Em muito havia se modificado o semblante do filho de santo, bem como seus movimentos físicos.

O caboclo saudou a mãe de santo com certa cerimônia, abraçando-a apenas. Nenhum outro tipo de cumprimento foi feito, tal como o beijar a mão ou o deitar-se no chão aos pés do outro, gestos típicos, e obrigatórios, na etiqueta dos terreiros de orixás e inquices. A mãe de santo então perguntou ao caboclo seu nome e pediu que entoasse seu canto de chegada. Com ar circunspecto, ele identificou-se como Caboclo da Lua e cantou:

REVISTA ESTUDOS
AFRO - BRASILEIROS

Dr. Reginaldo Prandi, Dr. Armando Vallado e Dr. André Ricardo de Souza

Caboclo flecheiro, sou da nação do Brasil

Sou da nação do Brasil, sou caboclo Caboclo
flecheiro

Todos os presentes, demonstrando grande alegria, gritavam entre palmas: *Xeto marrumbaxeto, xeto na Vizala, xeto á!*

O caboclo manteve-se ajoelhado e ligeiramente curvado na esteira. A mãe-pequena colocou as folhas que haviam sido colhidas pela manhã dentro de um alguidar grande, juntando-lhes água e macerando-as em seguida, tornando essa mistura num líquido verde escuro de forte e agradável odor, com que lavou o alguidar e a quartinha pertencentes ao assento do caboclo.

A mãe de santo mandou vir os animais a serem sacrificados, mas, antes do início dos sacrifícios, despejou no alguidar um pouco de água, azeite de dendê e mel. Num pote reservado ao preparo da bebida ritual dos caboclos colocou os mesmos ingredientes acrescidos de canela, cravo e noz-moscada. A mãe de santo iniciou o ritual entoando uma cantiga de saudação à casa, há muito incorporada ao repertório da música popular brasileira:

REVISTA ESTUDOS
AFRO - BRASILEIROS

Candomblé de caboclo em São Paulo

Ó Deus vos salve esta casa santa (bis)

Onde Deus fez a morada

Onde mora o cálice bento

E a hóstia consagrada

Depois disso, o axogum, auxiliado por outro ogã, imolou com uma faca os galos, enquanto todos cantavam:

Carangolo batula sangue

Sangue na xoro ro

Moasi sauere sangue na xoro ro

Sangue na palangana com maleme tateto

Sangue na palangana com maleme mameto

Em seguida foi a vez das galinhas, mas desta vez com a cantiga:

Sangue mona sa que sa la

coro mo sangue o (bis)

O casal de codornas foi dado ao caboclo, que sacrificou as aves mordendo o pescoço e tomando do sangue que brotava.

REVISTA ESTUDOS
AFRO - BRASILEIROS

Dr. Reginaldo Prandi, Dr. Armando Vallado e Dr. André Ricardo de Souza

Nesse momento era cantada a cantiga:

Batula batula san

Sangue na xoro ro

Moaci saure sangue na xoro ro

O sangue das aves maiores foi derramado dentro do alguidar e em seguida no pote de barro colocado ao lado deste, sendo mexido com uma colher de pau pela mãe-pequena. A mãe de santo marcava com o sangue das aves as têmeoras do filho de santo “virado” no caboclo, que, a cada animal sacrificado, emitia seu grito, seu ilá, saudando a oferenda recebida.

As cabeças e os pés das aves foram colocados num pequeno alguidar, que depois foi enfeitado com as penas das mesmas.

Terminado o sacrifício, os animais foram levados à cozinha para serem limpos e cozidos, enquanto outra cantiga era entoada:

Batulé sai andando com os pés

Batulé sai andando com os pés

REVISTA ESTUDOS
AFRO - BRASILEIROS

Candomblé de caboclo em São Paulo

As asas, o pescoço, o fígado, o coração e a moela de cada ave, depois de cozidos, foram oferecidos ao caboclo, as demais partes foram comidas pelos membros do terreiro, acompanhadas de outras iguarias como milho cozido, moranga cozida, arroz e farofa.

O alguidar contendo o sangue dos animais, a quartinha com água, as partes cozidas dos animais, além de milho cozido temperado com sal e azeite de dendê, colocado numa moranga cozida, foram depositados, juntamente com frutas diversas, aos pés de uma árvore de são-gonçálinho existente no terreiro.

Todos os filhos da casa beberam da mistura denominada menga, que, como nos garantiram, é uma bebida muito apreciada por todos.

O Caboclo da Lua permaneceu “em terra” até que as comidas estivessem cozidas. Conversou com todos, bebeu cerveja e só não dançou porque naquele dia não havia toque.

Em outra ocasião tivemos a oportunidade de vê-lo paramentado com um cocar feito de penas de papagaio, vestindo um bombacho em tecido estampado. Trazia um atacam (espécie de faixa) amarrado no tronco, terminando num laço preso às costas. Numa das mãos trazia uma lança de ferro e na outra, um galho de aroeira. Cantou e dançou então ágil, garboso e

Dr. Reginaldo Prandi, Dr. Armando Vallado e Dr. André Ricardo de Souza

completamente integrado à comunidade do terreiro. Já havia sido batizado e, conforme nos foi informado, seu assentamento já havia sido “firmado”.

Os sacrifícios aqui descritos são repetidos com regularidade, geralmente no intervalo de um ano. Mesmo terreiros que não fazem o batismo conduzem as cerimônias sacrificiais nos moldes do que aqui foi mostrado. Dificilmente haverá alguma festa que não seja precedida de sacrifício.

Toque de caboclo

Primeiro uma distinção: toques ou giras são cerimônias públicas periódicas, em que os caboclos vêm para “trabalhar”, isto é, dar consulta aos necessitados, oferecer conforto aos carentes. Festas são celebrações públicas, geralmente anuais, em que os caboclos vêm para serem homenageados, para dançar e conviver com seus devotos e amigos, como ocorre com as festas dos orixás.

Em São Paulo os toques de caboclo podem ser semanais, quinzenais ou mensais. Em alguns terreiros não têm periodicidade, podendo-se tocar eventualmente. Há pequenas varia-

Candomblé de caboclo em São Paulo

ções de caso para caso, mas em geral eles têm essa sequência: *padê* (oferenda de farofa com dendê para Exu), *xirê* (cantos em língua ritual, geralmente do rito angola, para os orixás ou inquices), *Angoroci* (espécie de louvor aos caboclos), chegada dos caboclos no transe ritual, cantos de invocação, intervalo para paramentar os caboclos, retorno dos caboclos ao barracão com seus cumprimentos e danças e, finalmente, consultas à assistência.

Os caboclos fumam charutos — fumar é o atributo indígena por excelência — e bebem bebidas alcoólicas (cerveja, vinho e a bebida ritual jurema), que costumam compartilhar com seus consulentes. Algumas equedes auxiliam nas consultas, seja traduzindo algumas expressões ou tomando notas. Nos toques as pessoas formam filas para a consulta e em algumas casas chegam até a utilizar senhas. É grande a semelhança com uma sessão de umbanda.

A ênfase das consultas é a cura dos males do corpo, chamando a atenção a quantidade de idosos entre os consulentes. Alguns trazem velas, outros flores ou algum outro artefato prescrito anteriormente pelo caboclo. O fato é que todos depositam nele suas esperanças e com ele mantêm relação de cumplicidade. Problemas afetivos, da intimidade ou de ordem material são

Dr. Reginaldo Prandi, Dr. Armando Vallado e Dr. André Ricardo de Souza

também abordados, mas secundariamente. Para essas questões parece haver duas alternativas: procurar entidades da umbanda como exus, pombagiras e baianos ou recorrer ao oráculo do jogo de búzios, que é prerrogativa do pai ou mãe de santo, sem intermediários. Esta última opção é sem dúvida importante na estratégia dos terreiros de candomblé, seja porque abre caminho para o ingresso de um novo aspirante, que deverá aprofundar seus laços também com os orixás, seja porque gera renda, dado que o jogo de búzios é invariavelmente pago. Os caboclos podem sugerir ao consulente qual seria seu orixá, mas convidando-o a voltar outro dia e jogar búzios com a mãe de santo, a fim de obter a confirmação sobre o seu “dono de cabeça”.

Ainda com relação à distinção entre consulta espiritual com caboclo e jogo de búzios, vale apontar que o primeiro é considerado subordinado ao segundo, cabendo ao jogo de búzios as decisões consideradas mais sérias e as confirmações. Como nos garantiu um pai de santo, o caboclo ensina banho, remédio, mas não desfaz um malfeito, ele apenas alivia. Ele pode dizer o que foi feito, mas não pode tirar. Isso só é feito com ebó, depois do jogo de búzios.

A comunicação com os caboclos nos toques atende, portanto, a pessoas que buscam respostas imediatas e acessíveis,

Candomblé de caboclo em São Paulo

senão gratuitas, a suas aflições. É também uma porta de entrada para o jogo de búzios, o qual pode significar um início do processo de arregimentação religiosa, uma vez que o adepto em potencial passa a interagir mais de perto com a mãe de santo, ou então a consolidação da condição de cliente.

Festa de caboclo

As festas de caboclo acontecem anualmente em data que varia de terreiro para terreiro, embora alguns prefiram o 2 de julho, segundo a tradição baiana⁸. São em geral grandes encontros dos quais participam, além dos filhos de santo da casa, amigos, parentes dos iniciados, clientes, simpatizantes e convidados de outros terreiros.

Diferente dos toques, as festas não são caracterizadas pelo atendimento ao público, mas sim pelas danças, brincadeiras e pela comida que é distribuída ao final. Nessa ocasião os ca-

8. Data de comemoração da Independência na Bahia (1823), caracterizada por um desfile que conduz uma estátua de índio e conhecida como Festa de Caboclo. Ver Santos (1995).

Dr. Reginaldo Prandi, Dr. Armando Vallado e Dr. André Ricardo de Souza

boclos não vêm para “trabalhar”, mas para ser homenageados.

Segundo a forma que mais se observa, a festa de caboclo é iniciada com um toque aos inquices. Mesmo os terreiros de tradição iorubá (queto e efã) costumam realizar esta parte preliminar do culto com ritmos e cânticos do candomblé angola, reconhecidamente a nação mais próxima dos caboclos, embora haja terreiros queto que tocam em queto quando os orixás são homenageados nesta primeira parte da festa de caboclo.

Segundo o costume angola, toca-se primeiro para Pambu Njila-Bombogira-Aluviá (Exu), com uma oferta de farofa e bebida ou água, depois para os inquices masculinos, aproximadamente nesta ordem: Roximucumbe-Incôci, Catendê, Gomgobira-Mutacalambô, Cafunã-Cavungo, Angorô, Tempo, Zázi, Vúngi. Seguem-se os cânticos para os inquices femininos, Matamba-Bamburucema, Dandalunda, Nzumba, Cucuetu-Caiá, encerrando-se com a homenagem a Lembá e Nzambi.⁹

Na festa ocorrida em 6 de setembro de 1998 no terreiro de candomblé angola Sociedade Beneficente Caboclo Sete Flechas, também conhecido como Inzo N’kisi Mussambu, locali-

9. Para a correspondência entre inquice e orixá, ver Prandi (1996, p. 48-49).

Candomblé de caboclo em São Paulo

zado em Carapicuíba, na Grande São Paulo, depois da sequência de cantigas aos inquices e antes do início das homenagens aos caboclos, ouviu-se a preleção de Tata Tauá, o pai de santo, que interrompeu o toque e falou:

Bem-vindos todos. O pessoal de outros terreiros, as visitas, os da umbanda sintam-se todos em casa. Esta é uma festa de caboclos. Mas alguém pode perguntar: “por que estão cantando para inquice?” Nós louvamos primeiro os inquices por uma questão de espaço físico. Eles são donos desse espaço aqui e por isso nós cantamos para eles antes. Mas caboclos e inquices não têm nada a ver, eles têm fundamentos diferentes. São duas coisas diversas. Como não temos um espaço separado para cada um, cantamos primeiro para os inquices e pedimos licença. Nós vamos cantar agora pra caboclo.

O terreiro está todo enfeitado para a ocasião. O barracão está ornado com as características bandeirinhas de papel de seda forrando o teto. Folhas, flores e objetos indígenas decoram as paredes. Num quarto ao lado foi armada a junça, o quarto do caboclo, povoado de imagens de caboclos e objetos indígenas, onde estão as comidas preparadas com as carnes dos sacrifícios realizados no dia anterior, muitas folhas e uma enorme profusão

Dr. Reginaldo Prandi, Dr. Armando Vallado e Dr. André Ricardo de Souza

de frutas. A cabana do caboclo é um elemento indispensável na festa de caboclo, podendo ser montada, com bambu e folhas de coqueiro, no próprio barracão, quando o espaço o permite, ou fora dele. Nunca faltará a moranga, prato predileto do encantado, nem o pote de jurema, bebida fermentada preparada com a casca do arbusto da jurema (*Pithecolobium torti*), devidamente trazida da Bahia, vinho doce, mel, noz-moscada, gengibre, cravo e canela, ao que alguns terreiros adicionam sangue dos sacrifícios ou dendê, e que em certas casas recebe o nome de menga.

“Abre-te campo formoso...” Com este verso, de uma cantiga que faz alusão ao local imaginário onde os seres encantados habitam, dá-se início à chamada dos caboclos, para mais uma vinda deles ao mundo dos mortais, ao mundo do candomblé.

Não importa o local do encontro, se pequeno e modesto, imenso e abarrotado de símbolos do imaginário dos terreiros, o mais importante é a festa em si, sinônimo de reunião de pessoas com o fim de louvar, orar e estar na companhia dos caboclos.

Na abertura, ao som dos atabaques e demais instrumentos de percussão (xequerê, maraca, agogô etc.), canta-se:

Candomblé de caboclo em São Paulo

Abre-te campo formoso (bis)

Cheio de tanta alegria

Cheio de tanta alegria

A atmosfera do terreiro já é de muita alegria e, com uma segunda cantiga, os caboclos são chamados a participar da festa:

E lá vem seu boiadeiro

E lá vem seu capangueiro

Cheio de tanta alegria

Cheio de tanta alegria

No terreiro Inzo N’kisi Mussambu, a mãe de santo dança rodeada por seus filhos, que chamam pelo maior caboclo da casa, Sete Flechas, gritando “Xeto Marrumbaxeto!” Chega o caboclo da mãe de santo com seu ilá, seu grito característico. É uma grande festa. Um a um os caboclos vão apossando-se de seus “cavalos” (filhas e filhos de santo por eles possuídos). Ouvem-se palmas, salvas, gritos. Batendo compassadamente a mão espalmada na boca, os filhos de santo emitem um som muito característico, como o que se ouve em filmes americanos de índios. O clima de entusiasmo ganha o espaço do terreiro num crescendo.

REVISTA ESTUDOS
AFRO - BRASILEIROS

Dr. Reginaldo Prandi, Dr. Armando Vallado e Dr. André Ricardo de Souza

A entrada em transe ganha todas as atenções e um a um os filhos e filhas vão se deixando “tomar” por seus encantados. Mas depois de certo tempo ainda resistem heroicamente ao transe alguns “cavalos”, vários deles demonstrando por gestos e expressões faciais que não desejam ser “possuídos”. Aqui observa-se algo inscrito no código do terreiro, revelando uma dimensão da distribuição hierárquica do poder religioso no candomblé. Os “mais velhos de santo”, isto é, iniciados há mais tempo, demoram um pouco mais a serem possuídos. Detêm maior controle do transe, pois conhecem o código da possessão mais apuradamente, podendo manobrar seus sinais e sabendo “correr” na hora em que esses sinais se fazem sentir mais agudamente. Com o adiamento do transe, afirmam sua posição na hierarquia do grupo de culto. Isto faz parte da “cena” da possessão.

Na tentativa de trazer mais caboclos para o encontro, os ogãs, assumindo ares de superioridade que os caracteriza, põem-se a cantar:

Candomblé de caboclo em São Paulo

Ainda tem caboclo debaixo da samambaia

Ainda tem caboclo debaixo da samambaia

Debaixo da samambaia

No pé da samambaia Ainda tem caboclo

Os renitentes vão por fim deixando aflorar o encantado. Não se pode escapar ao poder desta cantiga “de fundamento”. Quem não quer entrar em transe tem que sair do barracão até passar o perigo.

Estão todos “em terra” agora: caboclos e caboclas, boiadeiros e marujos. É hora de paramentar os encantados. É costume levar os caboclos em transe para o roncó (quarto de reclusão) para serem vestidos com trajes completos ou ao menos serem adornados com os *atacans*, espécie de tiras de pano amarradas no tronco, terminadas em laços, de modo a permitir livres movimentos nas danças. Vestem-nos com tecidos de uma profusão de cores. Cocares de penas e chapéus de vaqueiro adornam as cabeças, dependendo se são caboclos ou boiadeiros. Alguns trazem nas mãos lanças, arco e flecha ou chocalhos.

Vestidos, voltam em fila ao barracão, dançando a seguinte cantiga:

REVISTA ESTUDOS
AFRO - BRASILEIROS

Dr. Reginaldo Prandi, Dr. Armando Vallado e Dr. André Ricardo de Souza

Toté, toté de maiongá
maiongonbê (bis)

Dançam com o corpo inclinado para frente, com os braços estendidos à frente do corpo, num movimento de vaivém. Os pés acompanham o movimento dos braços, levando o corpo para a frente. Ao mesmo tempo, cumprimentam os presentes, dando precedência às autoridades religiosas presentes, terminando com os mais simples presentes na plateia que se aglomeram no espaço do barracão reservado aos clientes e visitantes.

■ A precedência por tempo de iniciação também é observada no momento em que os caboclos retornam ao barracão e também no momento em que cada um saúda a casa e o público presente com suas salvas e cantos de chegada. Um por um, numa ordem que revela a importância do tempo de iniciação na composição da hierarquia dos caboclos, começando pelo caboclo da mãe ou pai de santo, seguido dos mais velhos, cada caboclo posta-se na frente dos atabaques, um joelho apoiado no chão, e canta as cantigas que lhe dão identidade. O caboclo reza sua oração e todos cantam com ele.

Dentre muitas cantigas do vasto repertório dos caboclos, poderemos escutar:

Candomblé de caboclo em São Paulo

E boa noite meus senhores

Boa noite minhas senhoras

Sou eu, Sete Flechas, que cheguei aqui agora

Ou ainda:

Campestre Verde, a meu Jesus (bis)

Madalena e Maria no pé da cruz (bis)

Com sete dias minha mãe me deixou (bis)

Me deixou numa clareira

Osanha quem me criou (bis)

É um xeto ê, é um xetô a (bis)

Boiadeiro Trilheiro veio aqui prá vos saudar
(bis)

E assim vão cantando e dançando no ritmo frenético dos atabaques.

Ouve-se um misto de louvações sobre as coisas e lugares do Brasil, saudações aos orixás ou alusões a Jesus Cristo e santos católicos, emergindo daí todo um sincretismo presente com certeza nesse culto dos caboclos, os ditos senhores desta terra.

Como exemplo, citamos algumas cantigas:

REVISTA ESTUDOS
AFRO - BRASILEIROS

Dr. Reginaldo Prandi, Dr. Armando Vallado e Dr. André Ricardo de Souza

E lá em Roma tem uma igreja (bis)
E dentro dela tem morador (bis)
Lá tem um anjo de braços abertos (bis)
E esse anjo é Nosso Senhor (bis)

Aqui nesta aldeia
tem um caboclo que ele é real
Ele não mora longe
mora aqui mesmo neste canzuá

Pisa caboclo aqui nesta aldeia
Mostra o teu sangue que corre nas veias (bis)

Caboclo flecheiro, tú és da nação do Brasil
Tu és da nação do Brasil, meu caboclo
Caboclo flecheiro

Mas ele vem pelo rio de Contas
Vem caminhando por aquela rua (bis)
Olha que beleza, seu Lua Nova
no clarão da lua (bis)

REVISTA ESTUDOS
AFRO - BRASILEIROS

Candomblé de caboclo em São Paulo

Caça, caça no Canindé

Cura ê, cura ô

Caça, caça no Canindé

Pena Verde é caçador

Aê Juçara, dona Juçara eu vim te ver

Aê Juçara, dona Juçara como vai você

Pedrinha de um lado

Pedrinha do outro

Pedrinha lá na mata é

Quem pode mais é Deus do céu

Jesus, Maria e José

Pedrinha miudinha na Aruanda ê

Lajedo tão grande

Tão grande na Aruanda ê

Não somente os ogãs puxam as cantigas, mas também os caboclos apreciam fazê-lo.

Muitas vezes as cantigas trazem um pouco da história mítica de cada um, assim:

REVISTA ESTUDOS
AFRO - BRASILEIROS

Dr. Reginaldo Prandi, Dr. Armando Vallado e Dr. André Ricardo de Souza

Aê Iemanjá (bis)

Rainha sereia

Sô Cabocla do Mar (bis)

Sô caboclo, sô flecheiro Sindara cuiá

Sô Oxóssi, sô guerreiro

Sindara cuiá

Eu venho lá da mata

Sindara cuiá

Sô filho de Iemanjá

Sindara cuiá

Verde e amarelo

Mar do norte e sul

Sô Cabocla do Mar

Andando no mar azul

Caboclinho da Mata Virgem

das ondas do mar

Sô filho da Vizala Filho da sereia do mar

Apesar da aparente desordem no barracão, os caboclos respeitam-se entre si e se fazem respeitar por todos os presentes. São criteriosos ao solicitar algo, mesmo que seja um charuto ou uma bebida, e fazem-no de modo jocoso, revelando

Candomblé de caboclo em São Paulo

contudo sempre um formalismo, cuja etiqueta faz parte das exigências cotidianas do candomblé:

Ô dona da casa
Por Deus e Nossa Senhora
Dá-me o que beber
Senão eu vou-me embora!
Sem beber não faço samba
Sem beber, não sei sambar.

Se por um lado existe o respeito mútuo, por outro pode-se estabelecer entre eles a disputa pela melhor performance nas danças, ou o chamado sotaque, em que um chama o outro para uma espécie de desafio de cantigas, duelo verbal tão caro à cultura popular nordestina.

Depois é hora de dançar por sobre uma vara de madeira colocada no chão em frente aos atabaques. Os caboclos devem dançar pulando de um lado a outro da vara, como se estivessem embriagados, sem tropeçar ou mover o objeto no chão. Neste ato lúdico, a disputa é sempre acirrada e muitas vezes cria uma verdadeira competição na qual o caboclo do dono da casa deverá sempre sair-se bem, sob pena de ver posto em dú-

REVISTA ESTUDOS
AFRO - BRASILEIROS

Dr. Reginaldo Prandi, Dr. Armando Vallado e Dr. André Ricardo de Souza

vida seu poder mágico. Afinal, as entidades do chefe da casa, quer se trate de orixá, inquice ou caboclo, são sempre consideradas as mais poderosas.

Entre outras cantigas podemos citar:

Ô piaba, pula por cima do pau

ô piaba (bis)

Bate tambor solta a piaba

Caboclo do junco caboclo da mata

Caboclo na mata corta dendê

dendê de samba angolê.

A festa é uma profusão de danças, em que um a um os caboclos vão fazendo seu solo. Os ritmos, muito próximos do samba da música popular que deles se originou, são alegres e contagiantes. Os encantados puxam suas cantigas que são repetidas pelos alabês, demais caboclos, adeptos e simpatizantes da plateia. Fumam charuto o tempo todo e bebem numa cuia um preparado fermentado, quando não vinho, cerveja ou outra bebida alcoólica. Os alabês tocam os três atabaques, sempre percutidos com as mãos, em ritmos característicos do

Candomblé de caboclo em São Paulo

candomblé angola, enquanto os caboclos oferecem sua cuia aos amigos e autoridades presentes, os quais bebem virando-se de costas para o caboclo, para que ele não o veja beber, conforme manda a etiqueta dos tempos em que não se bebia na presença dos mais velhos.

Mais adiante os caboclos convidam presentes a dançar uma ou outra cantiga, fazendo grande estardalhaço:

Se eu era branco eu não era caboclo
Põe a moça bonita pra dançar na roda

■
Não se estabelece rigorosamente a duração da festa. O caboclo do dono da casa é autoridade máxima nesse ritual e decidirá, na maioria das vezes, quando deve ser finalizada a festa.

Ao final, um ogã canta uma cantiga de agradecimento a Deus pela presença dos caboclos. É o deus cristão que é lembrado:

Graças a Deus, ora meu Deus
Louvado seja Deus, ora meu Deus
Graças a Deus, ora meu Deus

REVISTA ESTUDOS
AFRO - BRASILEIROS

Dr. Reginaldo Prandi, Dr. Armando Vallado e Dr. André Ricardo de Souza

O dia em que Laje Grande nasceu
ora meu Deus.

O caboclo da dona da casa agradece a todos pela presença. Seguido pelos outros caboclos, abraça cada um dos presente, e finalmente canta sua despedida:

Eu já vou, já vou Eu já vou prá lá
O meu pai me chama,
eu sou filho obediente
Eu não posso mais ficar.

Novamente a fila dos caboclos é precedida por ele e dançando, um a um, cumprimentam a porta do terreiro, o ariaxé (ponto da força sagrada do terreiro), os atabaques, e encaminham-se para o roncó onde são despachados. Antes saúdam os presentes com os abraços característicos do candomblé, em que se tocam os ombros alternadamente por três vezes.

Às vezes a saída dos caboclos vai se fazendo aos poucos, retirando-se primeiro os com menos tempo de iniciação, enquanto os outros continuam dançando, até sobrarem dois ou três, que insistem em querer ficar:

Candomblé de caboclo em São Paulo

Eu estava indo deste arraial
Eu já ia embora deste arraial
Resolvi, não vou mais.

Todos aplaudem e apoiam a decisão do caboclo, mas já é hora da festa terminar e sempre alguma autoridade do terreiro mostrará ao caboclo que seu tempo acabou.

Aos poucos os filhos “desvirados” vão voltando ao barracão. Todos estão cansados, cavalos e ogãs. Apesar dos semblantes exaustos de cada um dos presentes, todos demonstram contentamento. Muitas palavras de alento também foram escutadas dos caboclos. A festa não foi somente canto e dança. Os caboclos estiveram na terra também para trazer mensagens, talvez dos próprios orixás, ensinaram beberagens para vários males, assim como deram conselhos a muitos, estabelecendo um laço de confiança para que se perpetue a sua imagem de pai e protetor. Mas sobretudo dançaram, porque é dia de festa, não de trabalho. Há um clima geral de alegria e um sentimento compartilhado de missão cumprida. Agora vamos comer.

Uma festa termina com comida farta. Arroz, farofa, carnes, saladas são pratos preferenciais. E muita fruta, pois não

Dr. Reginaldo Prandi, Dr. Armando Vallado e Dr. André Ricardo de Souza

há festa de caboclo sem uma profusão de frutas de todas as espécies: jaca, melancia, melão, laranja, tangerina, abacaxi, mamão, abacate, banana, fruta-do-conde, caju, carambola, maçã e até quiuí, além de moranga, comida predileta dos caboclos. Refrigerante e cerveja completam o banquete dos caboclos.

Caboclo, candomblé e umbanda

Na grande maioria dos terreiros de candomblé de São Paulo, praticamente todos os filhos da casa têm caboclo, com exceção, evidentemente, dos não rodantes ogãs e equedes. Alguns caboclos foram trazidos diretamente da umbanda, a religião anterior de parte dos adeptos. Na passagem da umbanda ao candomblé, contudo, transcorre certo tempo antes que o caboclo volte a se manifestar. Somente após ter o filho de santo aprendido as novas posturas, formas de dançar e se expressar características do candomblé, geralmente na obrigação de um ano, o caboclo “baixa” no candomblé, já tendo assumido mudanças no jeito de falar e no gestual. Muitos, no entanto, não conheceram a umbanda, começando a carreira religiosa afro-brasileira diretamente no candomblé.

Candomblé de caboclo em São Paulo

Não raramente, outras entidades umbandistas que não o caboclo podem também estar presentes em terreiros de candomblé. São os pretos velhos, as ciganas, os baianos, os exus da umbanda e as pombagiras. Esta mistura religiosa é tão evidente que facilmente justifica ter-se forjado o termo “umbandomblé”, usado pelo próprio povo de santo para referir-se a terreiros de candomblé com entidades e ritos da umbanda. Por um lado, isto mostra a identificação simultânea de terreiros com duas modalidades. Por outro, demonstra que há um público que atende a essas duas vertentes. Afinal, os adeptos das religiões afro-brasileiras em São Paulo conheceram primeiro a umbanda e seus personagens povoam seu imaginário. Para o paulista, o candomblé dos orixás é de certa forma uma experiência cultural recente e sua compreensão ainda é mais difícil, como costumam explicar alguns líderes desta religião. Mas é verdade que a penetração da umbanda no candomblé não se restringe a São Paulo e outras cidades do Sudeste e do Sul, marcando já uma presença importante em terreiros de regiões do País identificadas como originárias das religiões afro-brasileiras tradicionais.

Um ritual religioso afro-brasileiro logo remete à imagem de pessoas incorporadas por espíritos, os guias, que oferecem

REVISTA ESTUDOS
AFRO - BRASILEIROS

Dr. Reginaldo Prandi, Dr. Armando Vallado e Dr. André Ricardo de Souza

consultas, dão conselhos e resolvem problemas. O candomblé de caboclo em São Paulo atende preferencialmente a um público que também se identifica com a umbanda, ou seja, pessoas que estão acostumadas a um traço específico da religião, a comunicação verbal com o espírito incorporado. Do ponto de vista econômico, trata-se de uma demanda evidente: uma população que busca o serviço religioso, mas não pode pagar o preço do jogo de búzios, que varia hoje entre trinta e cinquenta reais.

Na passagem da umbanda ao candomblé, os terreiros redefiniram vários elementos rituais e simbólicos, inclusive no âmbito do sincretismo católico, mas não deixaram de lado o culto ao caboclo. O encontro do culto de caboclo do antigo candomblé com o kardecismo gerou no passado a umbanda. Atualmente, o caboclo constitui, num outro movimento, um trunfo do novo candomblé para avançar sobre o espaço umbandista. Como se a força renovada do “dono da terra” estivesse atuando nos movimentos que têm marcado a história das religiões afro-brasileiras, história que não estaria por certo concluída, pois *“ainda tem caboclo debaixo da samambaia”*.

Referências bibliográficas

BACELAR, Jeferson Afonso et al. *II Encontro de Nações de Candomblé*.

Salvador: Centro e Estudos Afro-Orientais da UFBA, 1997.

FERRETTI, Mundicarmo. *Desceu na guma*. São Luís: Sioge, 1993.

LANDES, Ruth. *A cidade das mulheres*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.

LIMA, Vivaldo da Costa et al. *Encontro de nações de candomblé*. Salvador:

Ianamá e Centro e Estudos Afro-Orientais da UFBA, 1984.

PRANDI, Reginaldo. *Os candomblés de São Paulo: a velha magia na metrópole nova*. São Paulo, Hucitec, 1991.

PRANDI, Reginaldo. *Herdeiras do axé: sociologia das religiões afro-brasileiras*. São Paulo, Hucitec, 1996.

PRANDI, Reginaldo. Nas pegadas dos voduns. *Afro-Ásia*, Salvador, nº 19/20 (1997), p. 109-134, 1999.

SANTOS, Jocélio Teles. *O dono da terra*. Salvador: Sarah Letras, 1995.